

A Construção Discursiva dos antagonistas dos filmes Pantera Negra I (2018) e II (2022)¹

Domingos de Almeida²

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Neuracy Damasceno³

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

Stephany Apolinario⁴

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

RESUMO

O estudo investiga os discursos dos antagonistas dos filmes Pantera Negra, Killmonger (2018) e Namor (2022), buscando compreender como são construídos discursivamente. Para tanto, utiliza a Análise de Discurso de orientação francesa (Orlandi e Verón), com abordagem teórico-empírica e análise qualitativa dos filmes. Fundamenta-se em autores como Quijano (1995), Medeiros (2019) e Gomes e Carvalho (2019), relacionando colonialismo, racismo e as narrativas dos personagens. Os resultados mostram que ambos expressam críticas ao colonialismo europeu e à dominação estadunidense, atuando como ressonâncias desses sistemas, conectando simbolicamente África e América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Colonização; Pantera Negra; Racismo; Discurso.

INTRODUÇÃO

Os longas-metragens de super-heróis ganharam impulso a partir de 2008 com a Criação do Universo Cinematográfico Marvel (UCM), que levou para as telas do cinema mundial, os super-heróis mais conhecidos das Revistas em Quadrinhos. Desde então foram produzidos 23 filmes, divididos em três fases, em que há continuidade nas histórias dos personagens. Dentre eles, Pantera Negra I (2018) e II (2022).

Esses filmes trazem discursos televisuais (imagem, fala e som) que expressam seus territórios epistêmico-políticos (África e América Latina), ambos condicionados pela localização “periférica” na organização do sistema mundo. Dessa forma, os juízos políticos emitidos pelos longas-metragens, na figura dos antagonistas Erik Killmonger (Michael B. Jordan) e Namor (Tenoch Huerta) são direcionados principalmente para

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE03 - Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Professor do Curso de Jornalismo do CCIM -UFMA, e-mail: domingos.jzufma@gmail.com.

³ Acadêmica de Letras - Português e Literaturas na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), campus de Imperatriz. E-mail: neuracydecena@gmail.com

⁴ Estudante de graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz. E-mail: stephany.as@discente.ufma.br

questionar a relação colonial da Europa e Estados Unidos com a África (Filme I) e com a América Latina (filme II).

O encadeamento narrativo-discursivo das obras segue um itinerário que ganha aderência na historiografia. A África foi invadida e teve seus cidadãos sequestrados e trazidos para serem escravizados nas américas colonizadas e que serviram de laboratório para a estruturação do racismo que fundamentou a escravidão por mais de três séculos (QUIJANO, 1997). Nesse sentido, o colonialismo, as relações raciais, o divisionismo norte-sul e as políticas globais excludentes aparecem como plano de fundo da narrativa principal dos filmes.

Dessa forma, temos como objetivo geral investigar os discursos dos antagonistas dos filmes *Pantera Negra I* e *II* e, especificamente, averiguar as estratégias discursivas articuladas pelos personagens; identificar os discursos intrínsecos aos dois personagens e descrever as construções discursivas dos antagonistas dos dois filmes, com foco a responder o problema da pesquisa que consiste em entender como os antagonistas dos filmes *Pantera Negra I* (2018) e *II* (2022) são construídos discursivamente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta pesquisa é de cunho teórico-empírico, em que as fontes teóricas servem de guia epistêmico para conduzir as ações reflexivas a partir da Análise de Discurso (AD) de orientação francesa. Para tanto, faremos levantamento dos dados empíricos a partir da visualização dos filmes *Pantera Negra I* (2018) e *II* (2022). Na sequência aplicaremos a análise qualitativa dos dados com aplicação do dispositivo analítico da Análise de Discurso (AD), finalizando com a escrita do texto.

A (AD), na perspectiva de Orlandi (2010) e Verón (2004), propõe investigar as marcas ideológicas produzidas pela linguagem e materializadas nos discursos identificados no material levantado na pesquisa documental, portanto, será aplicada aos personagens antagonistas Killmonger (2018) e Namor (2022) da pesquisa, com a finalidade de verificar as marcas ideológicas que exprimem.

A análise é centrada na construção discursiva dos antagonistas Killmonger (2018), interpretado pelo ator negro estadunidense Michael B. Jordan, e Namor (2022), concebido pelo ator mexicano de origem indígena Tenoch Huerta. No aspecto narrativo, o enredo do personagem do primeiro é marcado pelas implicações da colonização

européia sobre a ascendência africana. Medeiros (2018, p. 5) comenta que o essencialismo de Killmonger “se igualava ao essencialismo europeu, através da sua experiência de vida no ocidente”. Enquanto defendia o uso das armas defender os oprimidos do mundo “seus atos visavam a tornar Wakanda uma nação imperialista, assim como alguns países historicamente são” (MEDEIROS, 2018, p. 5).

Namor carrega as marcas da violência do colonialismo europeu na América Latina, imposto sobre os povos originários por séculos, deixando fissura que representam grandes desafios ainda por superar. Dessa forma, mais que apenas a prática imperialista europeia, esses antagonistas sintetizam também a atuação política messiânica dos Estados Unidos em relação às demais nações do Planeta. Por meio desses personagens, os dois filmes problematizam a política essencialista ocidental ilustrando como ela é violenta com os povos indígenas, africanos e os descendentes que residem em condição diaspórica “trazendo consigo a discussão da marginalização, pobreza e a violência imposta a esses corpos” (GOMES; CARVALHO; COSTA, 2019, p. 3), como é representado nos filmes, tanto por Killmonger como por Namor.

É importante pensar que a incorporação do colonialismo europeu e estadunidense nesses personagens, se deve ao fato de que esse sistema de poder e dominação é responsável pela tragédia humana que ainda se perpetua na atualidade. Inicia com o sequestro de africanos, a agonizante travessia do Atlântico, escravização na América, abolição jurídica da escravidão e o abandono dos recém-libertos nas situações mais precárias possíveis nos países da diáspora.

Vejamos nesse contexto, que o colonialismo e o racismo interligam os territórios epistêmico-políticos dos dois personagens: A África e a América Latina. Com o fim do colonialismo, enquanto “sistema político formal”, a colonialidade – forma de operar o poder herdado da colonização - entra em cena como “carácter central do poder social atual” e a realidade para os negros permanece inalterada, pois essa forma de conduzir o poder mantém de forma direta a “inter-relação com o racismo” (QUIJANO, 1995, p. 04).

Dessa forma, compreendemos que os filmes analisados atravessam a realidade trazendo à esfera pública esses dois temas aparentemente distintos, mas que são faces do mesmo problema: o racismo e o colonialismo. O primeiro filme foca a discussão em um continente africano afetado pela política internacional colonizadora e de base

racista. O segundo amplia o debate para o continente latino-americano colonizado e laboratório do racismo. Ambos os continentes compartilham a realidade da subjugação de seus povos, e esse elemento reflete na composição dos personagens antagonistas Killmonger e Namor.

Como telespectadores, a partir do que assistimos, temos a tendência inicial de tomar Killmonger e Namor como vilões desatinados, sedentos por sangue e vingança, mas também, ao mesmo, concordamos com seus reclames. Entretanto, ao passo em que adentramos aos seus universos epistêmico-políticos, a partir de estudo embasado, nos livramos da dualidade, pois entendemos que suas reivindicações possuem plausibilidade, ainda que os métodos que decidem adotar para conseguir seus objetivos não sejam os corretos.

Killmonger é movido pelo ódio ao mundo que o oprime enquanto homem negro, e acredita que a solução é o assassinato em massa das pessoas más. Namor externa revolta pela rejeição que sofreu no mundo da superfície, e vislumbra que a dominação é a forma de corrigir o problema. Em ambos os casos, o emprego da violência é a alternativa apontada. Nada diferente do *modus operandi* das potências globais quando aspiram determinados objetivos. Pela ótica analítica, asseguramos que a maldade aspirada pelos personagens é exterior a eles, determinada pelas condições de produção de cada um. Quando sugerem a violência como métodos de correção das assimetrias políticas, econômicas e sociais do planeta, é como se fossem caixas de ressonância ecoando vozes alheias (colonialismo e imperialismo).

CONCLUSÕES

Os dois personagens tecem críticas contundentes aos sistemas internacionais capitaneados pelos Estados Unidos. Para tanto, adotam discursos belicistas que representam mais o recrudescimento dos conflitos que a solução. Killmonger visa acabar com o sofrimento do povo negro no mundo assassinando os responsáveis pelas perversidades. O que levaria a uma guerra planetária e destruiria o mundo. Namor, para evitar que os Estados Unidos extraiam *vibranium* do fundo dos oceanos tenta impor uma aliança com Wakanda para atacar o mundo da superfície. Ambos terminam vencidos.

Suas táticas não possuem qualquer caráter de emancipação dos povos oprimidos, pois, em síntese queriam estabelecer uma nova ordem de dominação global em que Wakanda e Talokan seriam os dominadores. O que tomamos como referência para a constituição desses personagens é a forma como o colonialismo e o racismo os afetaram. Esses são marcadores importantes para direcionar as ações de “vilania” que os antagonistas, de forma inconsciente, se propõem realizar.

A maneira como Killmonger tenta solucionar o problema diz o suficiente sobre o condicionamento a que ele foi submetido vivendo em uma nação branca, belicista e de princípios colonialistas. Enquanto que o *modus* de operar de Namor é definido pela experiência de ter tido seu lar destruído pelos colonizadores europeus. A mensagem política projetada pelos filmes Pantera Negra I e II, centralizada nos antagonistas, se confunde com a prática das potências globais que disputam a hegemonia do sistema internacional. Suas ações não visam superar as assimetrias da realidade, mas manter-se nas posições de dominação no tabuleiro de poder. Portanto, os personagens marcam um tom de criticidade se filiando às lutas antirracista, anticolonial e anti-imperialista, unindo África e América Latina na demanda por uma sociedade igualitária.

REFERÊNCIAS

GOMES, José Victor dos Santos; CARVALHO, Carlos Alberto de; COSTA, Verônica Soares da. *Wakanda, Afrofuturismos e Raça: o que diz a narrativa de Pantera Negra sobre estar negro no mundo?* In: XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2019. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-1064-1.pdf>. Acessado em: 18 jul 2019.

MEDEIROS, Ayana Kissi Meira de. *O Filme Pantera Negra: entre a ficção e a valorização das espacialidades africanas*. In: X Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as – X COPENE. Uberlândia – MG, 12 a 17 de outubro de 2018. Disponível em: https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1538162174_ARQUIV_O_Copene2018.pdf. Acessado em: 18 jul 2019.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes Editores, 2010.

QUIJANO, A. “‘Raza’, ‘etnia’ y ‘nación’ en Mariátegui: cuestiones abiertas”. In: *Estudios Latinoamericanos*, n 3, Nueva Época, Lima: Amauta, 1995.